

## **A CASA DE FAZENDA DO UMBUZEIRO. O ÚNICO TESTEMUNHO SETECENTISTA DA CONQUISTA DO SERTÃO CEARENSE.**

**JUCÁ, CLOVIS. (1)**

1. Instituição. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Ceará  
clovisj@uol.com.br

### **RESUMO**

O Ceará foi tardiamente ocupado. Somente no século XVIII, o território foi percorrido de norte a sul, de leste a oeste por boiadeiros que expulsos do litoral açucareiro partiram em busca de novas pastagens. A atividade da pecuária atribuiu sentido e conteúdo à Capitania durante o setecentos. Na trilha da conquista, os representantes da Igreja e do Estado português seguiram os primeiros desbravadores. Somente passado o medo do sertão, do agreste, os colonizadores fixaram-se na região, construindo as primeiras casas de fazendas e raramente uma pequena ermida. A fazenda de gado foi a realização mais significativa da organização socioeconômica e espacial da ocupação setecentista da Capitania do Ceará. O programa das fazendas de gado do sertão invariavelmente prendia-se às necessidades produtivas do criatório. Ele era composto pela casa da fazenda, currais, o cercado para agricultura de subsistência; em algumas um açude – na maioria das vezes bem pequeno – raramente uma capela e picadas que interligam a casa de fazenda a outras ou aos povoados e vilas mais próximas. As casas de fazenda, dispersas no sertão, se constituíram como os primeiros pontos de fixação no território. Estavam localizadas em locais estratégicos dos caminhos das boiadas e em seus entornos organizaram-se as primeiras povoações cearenses. A arquitetura da casa de fazenda de gado é significativa para o Ceará por ser a manifestação exata da materialidade construída dos primórdios da ocupação e fixação no território. Juntamente com as vilas setecentistas criadas pelos portugueses e algumas poucas povoações, estas casas de fazenda e as raras capelas, modificaram suavemente, sem grandes alardes, a paisagem natural do sertão. No sertão do Ceará, a casa de fazenda foi a primeira sede do povoamento, a sede das sesmarias, da unidade familiar, da atividade produtiva, da vida política local, da autoridade, do poder, de toda autarquia sertaneja e suas famílias com poderes quase que absolutos e da rede de mandos e desmandos que pautou a organização territorial. Foram locais de moradia, passagem, acesso e terminais da atividade criatória. O presente artigo tenciona apresentar a casa do Umbuzeiro tida como o único exemplar das casas de fazenda do século XVIII que resistiu ao tempo no sertão. As demais casas de fazenda ainda existentes no Ceará foram construídas ou alteradas no século XIX. A casa do Umbuzeiro está localizada no município de Aiuaba, no sertão dos Inhamuns no centro oeste do Ceará, a três quilômetros da cidade de Aiuaba, nas margens do riacho do Umbuzeiro. Como fruto da terra, a casa de fazenda do Umbuzeiro é uma genuína construção representativa dos primórdios da ocupação do espaço territorial da capitania diretamente associada à economia da pecuária. Um verdadeiro testemunho, documento material dos primórdios da ocupação do território. A sua materialidade é expressão social da árdua conquista da região sertaneja. A arquitetura é extremamente simples, tanto do ponto de vista da solução funcional e plástica como de sua construção, não podendo ser medida pela opulência e arroubos formais. Como verdadeira casa forte, sua principal função era o abrigo e a defesa frente aos embates dos sesmeiros por posse de terra e à resistência indígena à conquista. Analisamos a sua importância social, o sistema construtivo, os materiais empregados, o programa, os seus aspectos formais, plantas, cortes, fachadas, fotografias atuais e antigas. A construção em sua dimensão social e técnica foi o índice preciso da relação do homem com meio.

**Palavras-chave:** Casa de fazenda; Ceará; século XVIII.

## **A CASA DE FAZENDA DO UMBUZEIRO.**

### **O ÚNICO TESTEMUNHO SETECENTISTA DA CONQUISTA DO SERTÃO CEARENSE.**

O presente artigo apresenta a casa de fazenda do Umbuzeiro no Ceará, tida como o único exemplar das casas de fazenda setecentistas que resistiu ao tempo no sertão. As demais casas de fazenda ainda existentes em território cearense foram construídas ou alteradas no século XIX.

A casa do Umbuzeiro está localizada no município de Aiuaba, no sertão dos Inhamuns no centro oeste do Ceará, a três quilômetros da cidade de Aiuaba, nas margens do riacho do Umbuzeiro. Como fruto da terra, a arquitetura é uma genuína construção representativa dos primórdios da ocupação do espaço territorial da capitania diretamente associada à economia da pecuária. Um verdadeiro testemunho, documento material da fixação no território. A sua materialidade é expressão social da árdua conquista da região sertaneja, extremamente simples, tanto do ponto de vista da solução funcional e plástica como de sua construção, não podendo ser medida pela opulência e arroubos formais. Analisamos a sua importância social, o sistema construtivo, os materiais empregados, o programa, os seus aspectos formais, plantas, cortes, fachadas, fotografias atuais e antigas. A construção em sua dimensão social e técnica é o índice preciso da relação do homem com meio no século XVIII.

#### **A casa de fazenda setecentista do Ceará.**

Na primeira metade do século XVIII, a casa de fazenda de gado dispersa no sertão sediou o povoamento do território cearense. Foi a sede da unidade familiar, da atividade produtiva e onde se encontraram as condições propícias para os primeiros sinais de acumulação de renda no sertão. Foi também sede da vida política local, de toda autarquia sertaneja e suas famílias com poderes quase que absolutos e da rede de mandos e desmandos que pautou a organização do território.

Na ausência de um regular sistema colonizador, exceto por meio da distribuição das sesmarias, as famílias hipertrofiadas, multifuncionais e absolutas foram os mais fortes laços sociais do povoamento sertanejo. Elas adquiriram, pela inexistência de um organizado poder estatal, a condição da unidade econômica colonizadora (PINTO, 1980, p.25).

Exatamente em torno das famílias, nas sedes das fazendas espalhadas no interior da Capitania do Ceará, criaram-se as condições para o surgimento de uma autarquia sertaneja.

Proporcional à desorganização de um poder suprafamiliar, presenciou-se, no século XVIII cearense, o fortalecimento de um poder local concentrado nas mãos dos proprietários de largas sesmarias que controlaram a atividade produtiva da pecuária – sistema econômico que atribuiu forma e conteúdo ao território cearense (JUCÁ NETO, 2012). Os grandes fazendeiros de gado tornaram-se verdadeiros chefes políticos e suas famílias agrupamentos políticos quase que completos. Eles exerceram o seu poderio não apenas sobre a terra como sobre os homens, fossem eles mestiços ou índios. Detentores da terra propícia à atividade extensiva da pecuária, eles eram mais do que uma unidade econômica; eram unidades políticas e religiosas “com suas leis e sua justiça interior”, onde “acima da qual não existiam outras a que se pudesse apelar”. (PINTO, 1980, p.4). Daí, por que fora do âmbito da família, o indivíduo não possuía algum direito. A sua seguridade era mantida por sua pertença a um clã (PINTO, 1980, p.3-5).

Todo o programa das fazendas de gado no Ceará estava diretamente associado às necessidades produtivas da pecuária. Além da sede, havia o curral, cercados para a agricultura, em algumas, pequenos açudes e em quase nenhuma uma pequena capela.

As casas de fazenda do Ceará localizavam-se em pontos estratégicos do território, nos cruzamentos de caminhos, próximas a uma aguada, um pequeno riacho e muitas das vezes no alto de uma pequena elevação. A casa de fazenda de gado cumpriu o papel de defesa diante da população indígena ou perante outros sesmeiros na luta pela posse das terras. Em seu entorno imediato, presenciou-se o processo de miscigenação e aculturação entre índios e brancos, de fundamental importância para a formação da sociedade cearense. À sombra das casas de fazenda organizou-se a maioria dos povoados, onde mais tarde foram fundadas as principais vilas de branco na Capitania cearense, alterando, lentamente, durante todo o século XVIII e início do século XIX, a dispersão territorial reinante.

A princípio, não passava de “simples cercas em lugares desertos com o fim de prender momentaneamente o gado”. (MENEZES, 1901, p.192). Passado o medo do sertão, as famílias se instalavam em “casas sólidas espaçosas” com “currais de mourões por cima dos quais se podia passear”, com “bolandeiras para o preparo da farinha”, com “teares modestos para o fabrico de redes ou pano grosseiro”, com “açudes, engenhocas para preparar a rapadura, capelas, e até capelões”. (ABREU, 1998, p.135).

A tecnologia empregada era a própria expressão do meio físico ante o novo sistema mundo mercantil que se instalava nas ribeiras do sertão cearense. Reconhecendo esta síntese, Girão (2000, p.347) faz considerações sobre as casas de fazenda. Tratava-se de

[...] uma casa grande diferente, mas como a dos engenhos ricos, índice dum tipo de civilização, a civilização cabocla dos currais do Nordeste. É um espécime arquitetural peculiar ao meio físico, construído com os materiais, as conveniências e as possibilidades do meio físico, refletindo a maneira imperativa da ambientação antropogeográfica do homem do Nordeste do juazeiro, do Nordeste da terra dura de que fala Gilberto Freire, o outro Nordeste pastoril, inconfundível com o Nordeste vaidoso da terra gorda, do massapé [...].

Os alicerces eram de alvenaria de pedra, as paredes eram de taipa de sopapo<sup>1</sup>, o piso era revestido com ladrilhos de barro cozido ou de terra batida, a coberta era tanto de duas águas como de quatro, com a forma piramidal; as telhas de barro e o madeiramento eram aparentes, os vãos das esquadrias possuíam rasgos normais às paredes, não possuíam ornatos, as vergas eram retas, as esquadrias eram feitas com tabuado comprido com encaixe tipo macho e fêmea e as dobradiças de cachimbo eram presas na parte interna por pregos de ferro batido<sup>2</sup>.

#### **A casa de fazenda do Umbuzeiro.**



Figura 01 – Casa do Umbuzeiro. Aiuaba. Foto: Clovis Jucá.

A casa do Umbuzeiro (figura 01) é tida como o único testemunho arquitetônico setecentista que resistiu ao tempo no sertão do Ceará. As demais casas de fazenda ainda existentes no Inhamuns foram construídas ou alteradas no século XIX. Trata-se de uma genuína

---

<sup>1</sup> A Taipa de Sopapo consiste na elaboração de um varal longitudinal, onde se preenchem os espaços com argila e areia. (VASCONCELOS, 1970, p.2)

<sup>2</sup> Bezerra identifica os mesmos sistemas construtivos nas fazendas do Inhamuns. Ver *Notas sobre as casas de fazenda dos Inhamuns* de Bezerra (1984, P.59)

construção representativa dos primórdios da ocupação do espaço territorial cearense diretamente associada à atividade da pecuária.

Com o sol a pino do meio dia chegamos pela primeira vez em agosto de 2007 na casa de fazenda do Umbuzeiro. O terreno árido, a vegetação seca, uma pequena estrada vicinal de areia e pedra solta compunham a paisagem da chegada. Cruzamos uma pequena ponte de madeira sobre o fio de água do riacho umbuzeiro, abrimos uma porteira de madeira amarrada com couro, subimos uma pequena elevação, levantamos a vista ofuscada pela claridade e logo vislumbramos no alto a sólida casa, com sua volumetria severa, fechada, caiada de branco com o telhado de quatro águas. A luz do sol fazia brilhar a fachada branca em contraste com o cinza da vegetação seca e o aberto azul do céu (figura 02).



Figura 02 – Casa do Umbuzeiro. Aiuaba. Século XVIII. Foto: Clovis Jucá.

A primeira descrição e o primeiro levantamento da casa do Umbuzeiro foram realizados em 1923 por Leonardo Feitosa<sup>3</sup>. Segundo Feitosa, a casa era sombria.

---

<sup>3</sup> Informações e material gráfico gentilmente cedido pelo arquiteto Marcílio Bizarrias.



As janelas fecham-se por fortes trancas de ferro. Tudo foi feito com admirável segurança e simetria [...] A sala quadrada do centro é bastante escura e tem grossas vigas cravadas para manter o equilíbrio das paredes. Há uma janela da sala central (a escura) para a sala de traz [...] Há quatro quartos ladeando as salas interiores [...] A pia para os batismos ficava a um canto da sala da frente. A cozinha é um apêndice puxado do lado de traz e tem uma só porta que dá para a última sala e somente uma janela abre para o exterior. Tem a cozinha um estreito alpendre que sombreja a porta da sala para fora.

Nertan Macedo (1965, p. 110), em o *Clã dos Inhamuns*, afirmou que conheceu a casa numa ensolarada manhã. Observou que a construção situava-se “na boca de Aiuaba, solitária e escura no meio da caatinga, enlaçada pelo rio Umbuzeiro, tendo à frente os azuis da serra dos Bois e atrás os do Rusílio, com uma portezinha de entrada feita de aroeira”. Ser escura significava a pouca luz no espaço interno e possivelmente que as paredes não estavam caiadas.

Segundo Macedo, Leonardo Feitosa a descreveu como “um quadrado perfeito, e de qualquer lado que se coloque o observador o telhado tem a configuração de um triângulo equilátero”. Ainda de acordo com Nertan Macedo (1965, p. 110) tratava-se de uma casa “quadrada, com cerca e porteira na frente. Uma porta partida à direita de quem entra e três janelas partidas à esquerda, com dobradiças em forma de sino. Portas, janelas, caibros, ripas, linhas de cedro”.

Acrescentou que a edificação era toda feita de “tijolo e barro argamassado, apoiada em toras de aroeira”, que os alicerces eram de pedra e as “janelas laterais abertas por dentro”. A sala da casa era “atijolada”. A casa do Umbuzeiro possuía uma “cantareira de aroeira para os potes de barro d’água”, “portais das janelas” de madeira, uma “esplanada de pedra” e no centro da planta – o compartimento central – “onde nunca desce a luz”, existia o “altazinho de tijolo”. No telhado o xique-xique crescia (MACEDO, 1965, p. 111); por certo acusando já algum abandono.

A casa do Umbuzeiro é extremamente simples, tanto do ponto de vista da solução funcional e plástica como de sua construção. Sua principal função era o abrigo e a defesa. A casa possui uma “área coberta de 147.62 m<sup>2</sup>”, sendo “formada por um retângulo de 12.20 X 12.10 m” (BEZERRA, 1984, p. 76).

Nas fachadas predominam os cheios sobre os vazios e a ausência de ornatos. A simplicidade funcional e plástica do edifício é evidenciada na divisão do seu espaço interno. A planta (figura 03) foi organizada a partir de um retângulo, quase um quadrado perfeito - com uma diferença de dez centímetros entre os lados maiores e os menores - dividido em

outros quadrados ou retângulos, com poucas aberturas, evidenciando o seu caráter de “casa fortaleza”. No vão central, uma sala quadrada, rodeado por quartos sem grandes aberturas para o exterior.

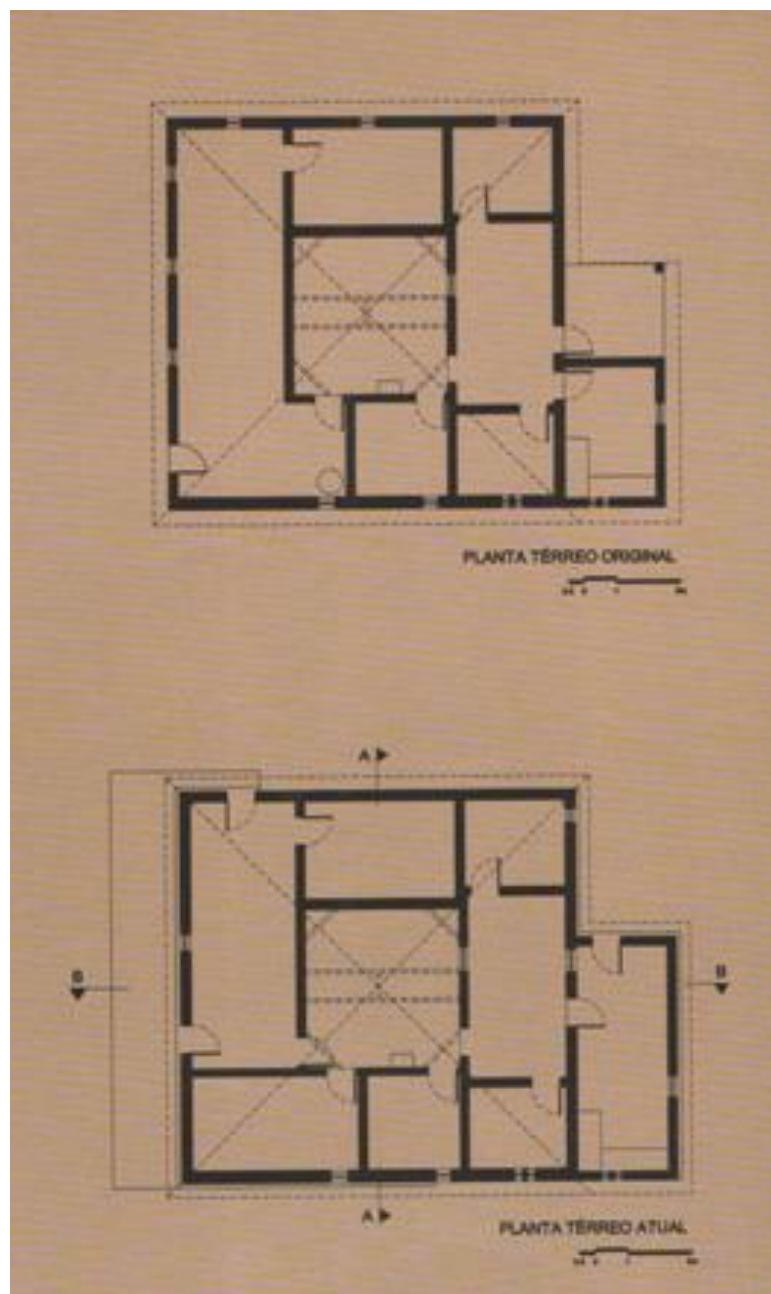


Figura 03 – Casa do Umbuzeiro. Século XVIII.

Fonte: Levantamento Arquiteto Marcelo Bizarrias (s/data). Levantamento Arquiteta Maria do Carmo Bezerra (2012). Jucá Neto (2012)

As paredes externas (figura 04) foram construídas com toras de aroeira interligadas horizontalmente por finas e toscas peças de madeira e preenchimento de tijolo cozido ou

barro<sup>4</sup>. A técnica usada no erguimento da alvenaria é de taipa de sopapo, sugerindo características reminiscentes do “frontal a galega”<sup>5</sup>, comuns à arquitetura portuguesa.



Figura 04. Detalhe do sistema construtivo paredes externas. Fachada posterior. Casa do Umbuzeiro – Aiuaba – Século XVIII.  
Foto: Clovis Jucá.

A cobertura de quatro águas estrutura-se em seu ponto mais elevado em tesouras que descansam nas paredes norte e sul do vão central. Do ponto alto das tesouras saem linhas que correm na diagonal do retângulo, alcançando os vértices das paredes externas do edifício. Para evitar o empuxo - o chamado “coice” - na extremidade de cada linha, tanto no vão central como nas extremidades que se apoiam nas paredes externas, há uma tesoura de canto.

<sup>4</sup> Ver Robert Smith (1975, p. 124). Nota 16.

<sup>5</sup> Segundo Corona e Lemos (1972, p. 228) o termo Frontal designa, antes de tudo, “qualquer parede interna que, além de separar os compartimentos de uma construção, suporta e transmite cargas do telhado ou de outros pavimentos. Neste particular é que o frontal diferencia-se do TABIQUE, que somente separa ou divide ambientes. O termo, porém, é mais aplicado para designar as paredes internas que possuam estrutura de madeira, cujos vãos são preenchidos com alvenaria ou entulho. Tipo comum de frontal foi o chamado, em Portugal, de frontal à galega ou parede francesa. Nesta parede os esteios ou pés direitos eram interligados por ripas horizontais equidistantes, que se alternavam, uma de um lado, outras de outro da estrutura. Os vãos entre as ripas eram enchidos com alvenaria miúda, cacos de telha, entulho, etc. Êste enchimento era inicialmente amparado lateralmente por tábuas que depois eram retiradas. No Brasil, o termo “parede francesa” passou a dar nome as paredes de taipa de mão”.



João José Rescala<sup>6</sup> fotografou a casa em 1940 (figura 05). A análise da fotografia ratifica aspectos das descrições, confirma características dos sistemas construtivos e possibilita reconhecer algumas alterações no edifício ocorridas nos últimos 60 anos.



Figura 05 – Casa do Umbuzeiro. Aiuaba. Século XVIII.  
Foto: João José Rescala. Acervo IPHAN/CE.

Na fotografia de 1940, a alvenaria de tijolo intercalada com esteios verticais de aroeira faz-se manifesta na fachada principal. Atualmente a parede frontal do edifício não mais apresenta estacas de madeira, possivelmente dos primórdios de sua execução. Além disto, diferentemente da presença de uma porta centralizada ladeada por duas pequenas janelas, desenho atual; na fotografia antiga, a fachada frontal apresenta a porta de entrada localizada no canto direito de quem entra na edificação e três janelas basculantes à sua esquerda. A observação nos possibilita afirmar que a fachada principal foi refeita após a década de quarenta do século XX. A descrição de Nertan Macedo se aproxima da foto de Rescala.

A foto antiga evidencia o uso de cachorro de madeira nos beirais. Apresenta também janelas cegas com fichas de madeira e vergas retas, não se podendo ver se já possuíam

---

<sup>6</sup> João José Rescala (Rio de Janeiro RJ 1910 - Salvador BA 1986). Pintor, ilustrador, desenhista, restaurador e professor da Escola de Belas da Bahia; viajou pelo Ceará como funcionário do IPHAN em 1940 e 1941.

juntas secas ou o encaixe macho e fêmea de hoje. Percebe-se ainda que a edificação não repousa sobre qualquer embasamento ou plataforma<sup>7</sup>, que atualmente abraça a frente da construção. Diante do acesso principal – na metade direita da fachada - há um prolongamento do piso interno, preparando a entrada no edifício. Analisando a foto de Rescala, identifica-se que o alicerce do recebimento era feito de pedra e o seu acabamento usava o recurso de tijolo de cutelo. O piso do recebimento possivelmente era de tijolo.

Nas paredes internas, ainda é possível o reconhecimento da técnica da taipa, o uso dos esteios verticais e peças horizontais de madeira roliça preenchidos com barro, provavelmente da construção primitiva (figura 06). Assim como em 1940, a edificação conserva o piso de tijoleira e a telha é vã (figura 07).



Figura 06 – Paredes internas. Casa do Umbuzeiro. Aiuaba. Século XVIII. Foto Clovis Jucá.

---

<sup>7</sup> Uma constante observada por Luis Saia (1975, p. 227) na arquitetura rural paulista do século XVIII é que todas as casas se encontravam assentadas sobre plataformas. Este recurso, provavelmente, devia-se como artifício de regularização do terreno, facilitando a execução da Taipa de pilão.



Figura 07 – Piso de Tijoleira. Casa do Umbuzeiro. Aiuaba. Século XVIII. Foto: Clovis Jucá.

### **As técnicas construtivas da casa de fazenda do Umbuzeiro – Século XVIII**

As técnicas construtivas das casas de fazenda setecentistas dos Inhamuns são muito simples. A arquitetura fora executada à mão e enxó, trabalhando a matéria prima que o sertão ofertava sem qualquer outra intermediação técnica.

Tomando como referência a casa do Umbuzeiro em Aiuaba sistematizaremos alguns aspectos construtivos da casa de fazenda setecentista. O seu baldrame era de alvenaria de pedra, as paredes eram de taipa de sapo. O arremate do baldrame era uma guia de tijolo de cutelo. Nas paredes externas e internas do Umbuzeiro evidencia-se uma reminiscência da técnica do Frontal a galega portuguesa. O piso era revestido com ladrilho de barro cozido. Além do piso de ladrilho de barro cozido havia casas de fazenda setecentistas com piso de terra batida.

Os vãos possuem rasgos normais às paredes e as vergas<sup>8</sup> são retas. Na fotografia de 1940 de Reis Carvalho, da casa do Umbuzeiro, o quadro das envasaduras – tanto a verga, como a ombreira e o peitoril – é de madeira, com secção quadrada e aparente. As folhas das esquadrias eram de madeira de cedro, formando um “painel cego composto por tabuado ao comprido” (BEZERRA, 1994; 2012, p. 63) e se abriam “por meio de dobradiças ditas de cachimbo, com lemes de desenho uniforme ou sem leme, todas chumbadas à madeira por cravos de ferro fundido”. Também na foto de 1940 observa-se o sistema de basculante nas janelas. Segundo José Liberal de Castro (1980) as esquadrias das casas setecentistas eram de “folhas maciças em tábuas de palmo a palmo e meio de largura, enrelhadas em grupos de duas a três peças, geralmente de cedro”. As atuais esquadrias do Umbuzeiro apresentam engaste embutido tipo macho e fêmea, não originais, possivelmente do final do século XIX ou já do século XX.

A coberta da casa do Umbuzeiro apresenta a solução do telhado piramidal em quatro águas. As telhas eram de barro e não dispunham de ressaltos que as fixassem na coberta. O madeiramento do telhado era aparente, evidenciando o sistema tradicional de linhas, caibros e ripas. “A estrutura de sustentação era composta por caibros, ripas, com pernas de amarração entre o quadrado formado pelas paredes”. As paredes que “recebiam o esforço da cobertura funcionavam como parte de um mesmo sistema” (BEZERRA, 1984; 2012, p. 64). Tabela 01

Tabela 01.

| <b>SISTEMA CONSTRUTIVO</b>  | <b>CARACTERIZAÇÃO</b>   |
|-----------------------------|---|
| <b>Século XVIII.</b>        |   |
| <b>Alicerce</b>             | Baldrame de pedra de rio.   |
| <b>Arremate do Baldrame</b> | Tijolo de cutelo  |
| <b>Paredes</b>              | Taipa de Sopapo – Reminiscência da técnica do Frontal a galega portuguesa.  |
| <b>Piso</b>                 | Ladrilho de barro cozido e terra batida.  |
| <b>Vãos</b>                 | Rasgos normais às paredes e vergas. Sem ornatos.  |
| <b>Esquadrias</b>           | Painel cego composto por tabuado ao comprido.   |
| <b>Ferragens</b>            | Dobradiças ditas de cachimbo, com lemes de desenho uniforme ou sem leme, todas chumbadas à madeira por cravos de ferro fundido. |
| <b>Telhado</b>              | Forma piramidal.  |
| <b>Telhas</b>               | Telhas de Barro sem encaixe de fixação.   |
| <b>Beirais</b>              | Sem cimalha ou sistema de beira e bica.   |
| <b>Forro</b>                | Inexistência de forro.  |

Fonte: Pesquisa “In loco” e BEZERRA (2012).

<sup>8</sup> José Liberal de Castro afirma que as “vergas das esquadrias” da arquitetura rural setecentista “são horizontais nas casas mais simples ou nas mais antigas, tornando-se ligeiramente arqueadas a partir da segunda metade do século XVIII em muitos exemplos (como de resto em todo o Brasil)”. Acrescenta que esta solução evidencia em território cearense o “uso do tijolo, porque permite tecnicamente a construção do arco batido que dá forma à verga, às vezes com carga aliviada por arcos de descarga”. Ainda segundo Castro, no Ceará do observa-se também “uma solução mista do uso de vergas retas em que se consegue um desenho em arco, de madeira, na própria peça superior do requadro da janela ou da porta”, e que “são raros os casos em que a própria verga, de madeira, é recurvada”.



## **A arquitetura própria do sertão.**

A casa de fazenda do Umbuzeiro é construção própria do sertão e como tal deve ser entendida. Está voltada para o imediato, para a atenção da sobrevivência durante o século XVIII. O edifício acha-se no mais profundo isolamento, fechada, com pouca abertura, prevalecendo em sua volumetria o sentido de uma casa forte do tempo da conquista, onde predominava o cheio sobre o vazio. Como se brotasse do chão, diante da imensidão do sertão é resistente como flor da caatinga e se impôs e perpetuou no território fazendo valer a sua importância social e física no contexto dos primórdios da ocupação do território. É testemunho e documento material da relação homem e meio físico da civilização do couro, da época do couro de que nos fala Capistrano de Abreu.

“De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa para entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar o sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se o tabaco para o nariz”.<sup>9</sup>

Como nos afirma Marina Waismann (2013, p. 12), a obra de arquitetura “embora pertença a outro tempo e lugar, é em si mesma, o testemunho histórico principal e imprescindível, o que reúne em si os dados mais significativos para seu conhecimento”. A casa de fazenda Umbuzeiro, no sertão Inhamuns no Ceará, enquanto permanência material expõe a essência do tempo da conquista do território durante o século XVIII, fazendo valer o seu valor para historiografia da arquitetura cearense.

---

<sup>9</sup> ABREU, Capistrano. Capítulos de história colonial – 1500-1800. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000, p.153

## Referência bibliográfica

ABREU, João Capistrano de. Capítulos de história colonial: 1500 – 1800 & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil. 2º ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BEZERRA, Maria do Carmo Lima. Notas sobre as casas de fazenda dos Inhamuns. Dissertação apresentada ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC como parte dos requisitos para obtenção do título de aperfeiçoamento em Arquitetura. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Centro de Tecnologia. Universidade Federal do Ceará. 1984.

BEZERRA, Maria do Carmo Lima. Notas sobre as casas de fazenda do Inhamuns. Brasília. Senado Federal, Conselho Editorial. 2012.

CASTRO, José Liberal de. Notas relativas a arquitetura no Ceará. Tese apresentada para Concurso de Livre-docência. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Centro de Tecnologia. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 1980.

CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos A. C. Dicionário da Arquitetura Brasileira. São Paulo: EDART, 1972.

GIRÃO, Raimundo. História Econômica do Ceará. UFC. Casa José de Alencar. Programa Editorial. 2000.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. Primórdios da Urbanização no Ceará. Edições UFC. BNB. Fortaleza. 2012.

MACEDO, Nertan. O Clã do Inhamuns – Uma família de guerreiros e pastores das cabeceiras do Jaguaribe. Ed. Renes Ltda. – Rio de Janeiro, 1980.

MENEZES, Antonio Bezerra de. Algumas origens do Ceará. IN: Revista do Instituto do Ceará. Tomo V. Fortaleza. 1901.

PINTO, Luiz de Aguiar Costa. Lutas de famílias no Brasil: introdução ao seu estudo. 2º ed. São Paulo: Ed. Nacional; [Brasília]: INL, 1980.

VASCONCELOS, Sylvio de. Sistemas construtivos adotados na arquitetura do Brasil. Matéria publicada para o uso exclusivo dos alunos das disciplinas de História da Arquitetura e Evolução Urbana III da Faculdade de Artes e Arquitetura da U.F.C. 1970.

SAIA, Luis. Notas sobre a Arquitetura Rural Paulista do Segundo Século. IN: Arquitetura Civil I. Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional.

Ministerio da Educação e Cultura. Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo. FAU USP e MECIPHAN. 19775.

SMITH, Robert. Arquitetura Civil do Período Colonial. IN: Arquitetura Civil I. Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. Ministerio da Educação e Cultura. Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo. FAU USP e MECIPHAN. 19775.

WAISMANN, Marina. O interior da história. Historiografia arquitetônica para o uso de latino-americanos. São Paulo. Perspectiva. 2013.